
E

DITORIAL

Este número da revista *Religião e Sociedade* reúne artigos recebidos por fluxo contínuo. Portanto, o conjunto não corresponde a nenhuma chamada específica e por isto mesmo é uma demonstração, por si só, da qualidade, da vitalidade e da tendência de internacionalização do campo de estudos da religião.

No primeiro artigo, “Transcendência e a Antropologia do Cristianismo: mudança, linguagem e individualismo”, Joel Robbins lança um olhar retrospectivo sobre o que veio a se chamar a “antropologia do cristianismo”. Trata-se de uma antropologia que investe no desafio de compreender etnográfica e comparativamente uma das grandes religiões monoteístas, o cristianismo, sem estar necessariamente amarrada aos pressupostos teóricos dos grandes pais fundadores das ciências sociais e, sobretudo, sem descuidar do apuro reflexivo disciplinar. Neste sentido, a ousadia do autor foi lançar um olhar de sistematização *a posteriori* sobre parte da produção dos últimos dez anos como um passo necessário na construção de uma interlocução acadêmica aberta, compartilhada e com vocação internacional.

No segundo artigo, “O Laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil”, o professor de direito Fábio Carvalho Filho se dispõe, com método e correção, a rever uma interpretação que se tornou corrente sobre o laicismo no país. O autor retoma a interpretação que se consolidou sobre a Constituição de 1891 para inverter a equação: além do equívoco de uma forte separação entre Estado e Igreja no período, argumenta, outros mal entendidos persistem e continuam a subsidiar uma idéia frágil de laicidade no país. Em tempos de Acordo Brasil-Vaticano, o momento é oportuno para examinar a história a contrapelo.

“Pequena história do fetiche religioso, de sua emergência a meados do século XX”, o terceiro artigo, é de autoria de Rogério Brittes, jovem e promissor antropólogo

que conduz o leitor entre oceanos e continentes em busca de uma genealogia nada usual da idéia de fetiche religioso. Trata-se de um artigo composto na perspectiva de constituição de uma antropologia simétrica, que visa, segundo definição do autor, “romper com uma divisão de ‘especialidades’ que apenas reflete o ‘grande divisor’ nós/eles que há muito tempo a antropologia proclama ter abolido.”

Os artigos seguintes – “Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais na baixada fluminense”, de Silvia Fernandes e “Arquitectura Pentecostal: entre lo sagrado y lo profano”, de Rodrigo Vidal Rojas – são menos autorais, se recorrermos a definição de autoria de Foucault, mas que buscam no vigor do método a capacidade de desvelamento da força da agência de seus interlocutores. Assim faz Silvia Fernandes, com o rigor de uma metodologia quantitativa aplicada a jovens da baixada fluminense, e Rodrigo Vidal Rojas, com um cuidadoso olhar instrumentalizado pela arquitetura sobre alguns templos pentecostais chilenos. Na seqüência, temos dois artigos muito bem realizados enquanto trabalhos etnográficos – “Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica”, de José Rogério Lopes, e “Carnaval da Nova Consciência”, de Elisete Schwade.

Com o artigo de autoria de Roberta Bivar Campos e Misia Reesink, “O panorama de uma década de debate sobre religião e a produção norte-nordestina”, a revista abre espaço para um debate em torno do artigo “Religião em transição”, de Ronaldo de Almeida, que compõe a coletânea *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia* (Martins, Carlos Benedito e Duarte, Luiz Fernando Dias. *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia*, São Paulo, ANPOCS – Ciência Hoje – Discurso editorial – Barcarolla, 2010). Sem tomar partido no debate – e preservando o direito a réplica e/ou tréplica – os editores da *Religião e Sociedade* esperam que seu desenvolvimento concorra, em particular, para a superação de assimetrias regionais que porventura persistam no campo e, de modo geral, para o adensamento do exercício crítico dos pesquisadores da área.

Fechamos este número nos despedindo de Henry Decoster (15/02/1938 – 2/11/2010). Para quem não conhece Henry, vale lembrar que ele tinha perfeita fluência em francês e inglês e que por isso a chamada área de “relações internacionais” assim como todas as pequenas e grandes tarefas de tradução do antigo ISER recaíram sobre seus ombros ainda na década de 1980. Foi assim que ele se aproximou da revista *Religião e Sociedade* e, com o passar dos anos, se afirmou como um de seus apoios mais constantes. Henry não abandonava o barco e em tempos de vacas magras – evento casual em uma revista ligada a uma ONG – mostrava-se sempre comprometido com a busca de novas e inusitadas fontes de recurso. Com seu humor fino e irônico, com sua fraterna generosidade, recebeu as diferentes gerações de editores da revista oferecendo histórias que ajudaram a compor uma memória mais humana e coletiva. É com pesar que nos despedimos de Henry.